

Sara Reis da Silva



A PRIMEIRA REPÚBLICA (1910-1926) E A LITERATURA PARA A INFÂNCIA: UMA IMPORTANTE VIRAGEM ESTÉTICA

Neste «período extraordinariamente rico» (Rocha, 1984: 65), como considera Natércia Rocha, são diversas as figuras literárias que se dedicam à “causa infantil” e aliam a sua escrita à arte de artistas plásticos tão reconhecidos como Sarah Afonso (1899-1983), Mily Possoz (1889-1968) ou Raquel (1889-1970) e Mamia Roque Gameiro (1901-1996), entre outros.

Cultural e/ou literariamente, o período histórico que medeia entre 1910 e 1926 é particularmente fértil, verificando-se uma «imensa viragem de mentalidades da elite política-intelectual» (Ramos, 2010: 602). A crença nas possibilidades de invenção de uma nova mentalidade colectiva, em especial a partir de forças motrizes artísticas/literárias como o Integralismo Lusitano, de António Sardinha (1887-1925), o Modernismo, de Fernando Pessoa (1888-1935), Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), José de Almada Negreiros (1893-1970) e Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918), ou, ainda, do movimento da Seara Nova e de figuras como Jaime Cortesão (1884-1960), Raul Proença (1884-1941) e António Sérgio (1883-1969), reflectem-se no fervilhar ideológico e estético que caracterizou a época.

A valorização da criança e das suas leituras, materializada, por exemplo, na legislação decorrente da Constituição de 1911, que avança com projectos como as bibliotecas escolares ou o ensino primário obrigatório e gratuito, parece ter motivado o trabalho e o envolvimento de um conjunto assinalável de autores que vieram a marcar a História da Literatura Portuguesa para a Infância.

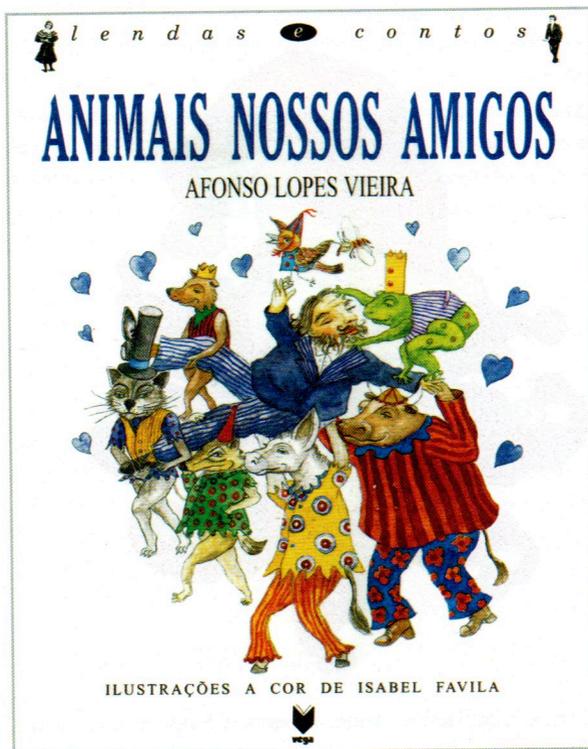
Escritores portugueses, como Ana de Castro Osório (1872-1935), Virgínia de Castro e Almeida (1874-1945), António Sérgio, Carlos Selvagem (1890-1973), Aquilino Ribeiro (1885-1963) ou Jaime Cortesão, por exemplo, parecem, na verdade, ter sido impulsionados pela renovação política coincidente com a Revolução Republicana. As ideias de «Progresso, Trabalho, Instrução, Liberdade e Pátria», como assinala, por exemplo, Esther de Lemos (Lemos, 1972: 19), pontuam, com assinalável incidência, textos de destinatário preferencial infanto-juvenil, determinando, por vezes, a sua integração no domínio da «literatura programática» (*idem, ibidem*: 21) ou, até, num estilo particular que resulta naquilo que Glória Bastos, por exemplo, apelida de «narrativas de aprendizagem da vida e das coisas» (Bastos, 1999: 42).

Além da divulgação de suplementos e de periódicos especialmente vocacionados para a infância (como *Pim-Pam-Pum* ou *ABCzinho*) – alguns deles, inclusivamente, com a particularidade de terem sido editados durante mais de duas décadas e de terem resistido às mutações político-sociais impostas pela implantação da República e da ditadura Salazarista, como é o

caso de *O Amigo da Infância* (1874-1940), conforme descreve Glória Bastos (1997: 81) –, é de assinalar a edição continuada e bem sucedida de diversas séries de livros. Sem pretensões de exaustividade, refira-se apenas a colecção de livros “Para as Crianças” (publicada entre 1897 e 1935), coordenada por Ana de Castro Osório.

Na verdade, integrando, segundo alguns investigadores, a considerada época áurea da literatura para crianças (Gomes, 1997: 22), **Ana de Castro Osório** (1872-1935), por exemplo, uma activista de referência do feminismo português republicano, quer nos seus trabalhos originais, quer nas suas traduções e versões (por exemplo, dos Grimm e de Andersen), quer, ainda, na sua dedicação à coordenação de séries de livros como a já referida “Para as Crianças”, desempenhou um importante papel na legitimação e na divulgação da literatura para crianças. Esta autora, seguindo uma das linhas criativas mais férteis da época – «o dar a conhecer países, povos e regiões distantes, num esforço de abertura ao mundo (a luta contra o isolamento de Portugal era então preocupação de algumas elites)» (Gomes, 2005: 74) – escreveu o díptico já clássico *Viagens Aventurosas de Felícia e Felizardo no Pólo Norte* (1922) e *Viagens Aventurosas de Felícia e Felizardo no Brasil* (1927), duas obras aprovadas pelas autoridades oficiais e recomendadas como “livros de leitura corrente” para as escolas.

Também com uma obra que engloba mais de duas dezenas de títulos, repartidos pela narrativa destinada aos leitores mais novos, o ensaio, muitas vezes de carácter pedagógico e doutrinário, as impressões de viagens, os romances, os argumentos cinematográficos, entre outros, **Virgínia de Castro e Almeida** (1874-1945) publica, em 1910, *Capital Bendito*, elogiando a natureza e o trabalho, já depois de ter editado *Como devemos Criar e Educar os nossos Filhos* e os volumes sequenciais *Céu Aberto* e *Em Pleno Azul*, em 1907 e 1908, respectivamente. Da ficção desta autora, a par dos motivos da viagem e da vontade de um convívio intercultural, ressuma um impulso educativo ou pedagógico, substantivado na transmissão recorrente de conhecimentos de diferentes áreas do saber, «numa linha de valorização do trabalho, da cooperação, da arte e do progresso» (Gomes, 2005: 75)¹.



Do poeta **Afonso Lopes Vieira** (1878-1946), assinala-se a publicação de *Animais nossos Amigos* (1911), num «espírito de fraternidade franciscana» (Gomes, 1997: 25), *Bartolomeu Marinheiro* e *Canto Infantil* (com textos musicados por Tomás Borba), estes dois últimos em 1911, títulos aos quais cumpre acrescentar *Autozinho da Barca do Inferno (Paródia Infantil)* (1920), uma peça exibida no Teatro D. Maria II, no âmbito das comemorações de centenário de Gil Vicente, que nunca veio a ser publicada autonomamente².

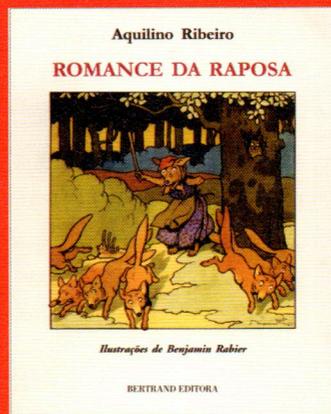
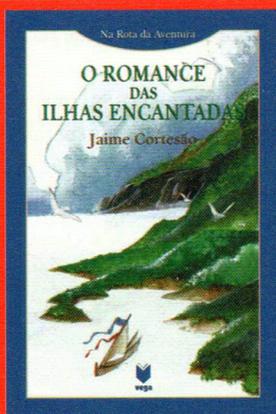
¹ Para saber mais sobre a produção literária de Virgínia de Castro e Almeida de destinatário explícito infanto-juvenil, sugerimos a consulta de ARAÚJO, Manuel António Teixeira (2008). *A Emancipação da Literatura Infantil*. Porto: Campo das Letras.

² A Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira possui uma versão dactilografada. Este texto, com ilustrações de Raul Lino, veio a lume em periódicos (*Diário de Notícias Ilustrado* e *Comércio do Porto*).

Maria Paula de Azevedo (1883?-1951), contando com ilustrações de Mily Possoz, publica *Theatro para Crianças* (1923), volume no qual são editadas em versão teatral quatro narrativas pertencentes ao património tradicional oral: “A Menina do Capuchinho Vermelho”, “A Gata Borralheira”, “A Bela e a Fera” e “A Princesa Adormecida”. Com efeito, este exemplar reflecte uma das vertentes essenciais da literatura para crianças das primeiras décadas do século XX: a recuperação e a adaptação de textos do património tradicional oral.

Da autoria do intelectual pedagogo **António Sérgio** (1883-1969) merecem destaque as obras *O Navio dos Brinquedos* (1914), *Na Terra e no Mar* (1923), *Contos Gregos* (1925), bem como *A Dança dos Meses* e *O Ratão Peladão*, ambos de 1926 e com ilustrações de Mamia Roque Gameiro. O estilo vivo e fluente da escrita deste autor tem contribuído para o interesse dos leitores mais jovens de hoje pelas suas obras originais e pelas adaptações a que se dedicou, algumas delas, aliás, recentemente reeditadas³.

autor de uma extensa obra que abrange cerca de sessenta títulos, tendo publicado três livros que têm na criança o seu preferencial receptor, *Romance da Raposa* (1924), *Arca de Noé, III Classe* (1936) e *O Livro de Marianinha* (1967) – além da adaptação de *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto Aventuras Extraordinárias de um Português no Oriente*⁴ –, participa igualmente do conjunto de «grandes romancistas portugueses que escreveram para crianças» ou dos «grandes autores para pequenos leitores» (Gomes e Roig Rechou, 2007). Dedicado ao seu filho Aníbal e considerado por muitos (Veloso, 1994; Gomes, 2005; Gomes, Ramos e Silva, 2007) como um “clássico” indiscutível e uma das mais notáveis obras (Rocha, 1984: 67) da literatura portuguesa para a infância, o *Romance da Raposa* e as suas “virtudes” literárias têm sido largamente reconhecidas. Note-se, ainda, que é possível encontrar estudos que associam explicitamente e de forma legítima esta narrativa ao Republicanismo⁵.



Em 1914, veio a lume *Cantigas do Povo para as Escolas*, obra organizada por **Jaime Cortesão** (1884-1960) que, mais tarde, em 1926, assina também *Romance das Ilhas Encantadas*, narrativa histórica romanceada que tem como pano de fundo os Descobrimientos Portugueses.

Pertencente à mesma geração de António Sérgio e Jaime Cortesão, o romancista e novelista **Aquilino Ribeiro** (1885-1963),

³ Como é o caso da adaptação de *História Trágico-Marítima*, reeditada pelo editor Sá da Costa em 2009, com ilustrações de André Letria.

⁴ Esta adaptação da narrativa de Fernão Mendes Pinto foi elaborada a convite do editor Sá da Costa, tendo sido originalmente publicada em 1933.

⁵ S.n. (s.d.). «O *Romance da Raposa* ou a qualidade em Literatura posta ao serviço dos ideários republicanos» – disponível em <http://www.grupolusofona.pt/pls/portal/docs> (retirado no dia 04 de Setembro de 2009).

No mesmo ano em que Aquilino Ribeiro publica as célebres aventuras e desventuras de Salta-Pocinhas, **Maria Sofia de Santo Tirso**, escritora cuja escassez de referências biográficas tem obstado, na verdade, a um conhecimento mais profundo da sua personalidade literária, edita também *A Boneca Cor de Rosa* (1924), título prefaciado por Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), uma obra já antecedida por *Era uma Vez* (1916) e *Alegre-A-Linda* (1922). Esther de Lemos, por exemplo, considera os livros desta autora «principalmente para a época, extraordinárias explosões de fantasia e graça irónica, ousadas na mistura do quotidiano e do fantasmagórico.» (Lemos, 1973: 471).

Em 1925, assinadas por um dos mais importantes dramaturgos portugueses, **Carlos Selvagem** (1890-1973), vieram a lume as narrativas, inscritas no género das histórias de brinquedos, intituladas *Bonecos Falantes*, e, ainda, *Papagaio Real*.

Já em 1926, é de assinalar a edição de *13 Contarelos* (*13 Contarelos que a Irene Escreveu e a Ilda Ilustrou*) da autoria de **Irene Lisboa** (1892-1958), primeira obra de uma das vozes mais originais da literatura portuguesa, uma figura literária que, nas décadas seguintes, se vem a distinguir e a revelar «por inteiro» (Gomes, 1997: 32).

A vitalidade que caracteriza os títulos e os autores aos quais brevemente nos reportámos é, contudo e em certa medida,

travada pelo golpe militar de 28 de Maio de 1926 e com a imposição de um regime ditatorial, cujo reforço das estruturas políticas e cuja intervenção ideologizante e censória, como, em outro lugar, explicitámos (Silva, 2008), viria a atingir o livro infantil.

Creemos que a presente panorâmica que, agora, pretendemos concluir, embora não seja uma abordagem não exaustiva⁶ e naturalmente condicionada por restrições contextuais inerentes à sua elaboração (por exemplo, limitações temporais de índole pessoal, alguma dificuldade de acesso e consulta de certos originais mencionados, entre outras), dá conta de que «Devemos à geração da República a elevada qualidade estética que distingue muitas obras editadas nas décadas de 10, 20 e 30 e ainda nos anos 40 do século XX. E sem dúvida que os ideais democráticos e republicanos dominantes no período compreendido entre 1910 e 1926, as goradas preocupações em torno da alfabetização, da educação pré-escolar e escolar e a afirmação pública dos valores da liberdade, da instrução, do trabalho e do progresso, a par do incremento da imprensa infantil e das publicações para a infância, terão concorrido para a criação de um clima propício à conformação de uma nova literatura para a infância em Portugal, mais consciente da sua dimensão lúdica e estética e mais liberta, desse modo, da intencionalidade pedagógica e moralizante que inquinou muita da produção anterior.» (Gomes, Ramos e Silva, 2007: 14).

⁶ Elaborado num contexto diferente, este ensaio deveria contemplar também uma referência a autores como Maria O'Neill, Maria da Luz Sobral, Virginia Lopes de Mendonça, João da Motta Prego, Emilia de Sousa Costa e Fernanda de Castro.

A PRIMEIRA
REPÚBLICA (1910-1926)
E A LITERATURA
PARA A INFÂNCIA:
UMA IMPORTANTE
VIRAGEM ESTÉTICA

verbo



CARLOS SELVAGEM

Bonecos Falantes

BIBLIOGRAFIA:

BASTOS, Glória (1997). *A Escrita para Crianças em Portugal no século XIX*. Lisboa: Caminho.

BASTOS, Glória (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

GOMES, José António (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: Ministério da Cultura – Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

GOMES, José António (2005). «Literatura Portuguesa para a infância e a juventude: os inícios (período 1900-1945)» in LLUCH, Gemma e ROIG RECHOU, Blanca-Ana. *Boletín Galego de Literatura. Para entenderte mellor. As literaturas infantis e xuvenís do marco ibérico*. N.º 32/2.º semestre (2004). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 67-102.

GOMES, J. A., **RAMOS**, Ana Margarida e **SILVA**, Sara Reis da (2007). «Produção canonizada na literatura portuguesa para a infância e a juventude (século XX)» in GOMES, José António e ROIG RECHOU, Blanca-Ana (coord.) (2007). *Grandes autores para pequenos leitores: elementos para a construção de um cânone*. Porto: Deriva, pp. 13-51.

LEMOS, Esther de (1972). *A Literatura Infantil em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional – Direcção-Geral da Educação Permanente.

LEMOS, Esther (1973). «Infantil, Literatura» in COELHO, Jacinto do Prado (1973) (dir.). *Dicionário de Literatura*. Porto: Figueirinhas, pp. 468-474.

PIRES, Maria Laura Bettencourt (s.d.). *História da Literatura Infantil Portuguesa*. Lisboa: Vega.

RAMOS, Rui (coord.) (2010). *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros (3.ª ed./1.ª ed.- 2009).

ROCHA, Natércia (1984). *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

SILVA, Sara Reis (2008). «O País das Pessoas de Pernas para o Ar – um olhar sobre a literatura infantil das décadas de 60 e 70, com a imaginação a brincar às escondidas com a censura» in *1970 Marcha Fúnebre*. Colec. «Os Anos de Salazar», vol. 26, s. l.: Planeta de Agostini, pp. 154-161.

VELOSO, Rui Marques (1994). *A Obra de Aquilino Ribeiro para Crianças. Imaginário e Escrita*. Porto: Porto Editora.